

## ■ Por uma Genealogia da Blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001)

.....Fábio Malini

Derrick De Kerckhove (2006) caracteriza a Internet em três grandes momentos, para além, naturalmente, da sua criação. O primeiro deles é a invenção do navegador Mosaic, que fez da World Wide Web atrativa para um leque vasto de pessoas. O segundo, a chegada do Yahoo!, “que introduziu uma nova geração de instrumentos de navegação indispensáveis, depois mais desenvolvidos no Google”. E o terceiro momento foi o advento dos blogs, a entidade mais madura da Web, diz o autor. Mais do que qualquer definição simplista que os associa a um site íntimo de um autor, os blogs representam, para Kerckhove, uma nova tecnopsicologia.

*Ponto de encontro dentre redes sociais e tecnológicas, a blogosfera é uma rede de interações intelectuais diretas e navegáveis, resultado da contribuição gratuita, aberta e verificável das consciências e das opiniões de muitas pessoas sobre assuntos de interesse geral e em tempo quase real. O funcionamento dos blogs baseia-se inteiramente nestas conexões. Tal como a inteligência, desenvolvem-se e crescem com o uso. Os blogs são um espaço de reflexão compartilhada (Kerckhove apud Granieri, 2006, p.11).*

Os blogs<sup>15</sup> expressam a cultura colaborativa e o poder dos *links* que demarcarão a net culture após o estouro da bolha da nova economia. Trata-se de um

<sup>15</sup> Até outubro de 2006, segundo a mensuração realizada pelo Technorati, os blogs mantinham uma elevada taxa de crescimento, tendo sido publicados 1,3 milhões de posts por trimestre e criados 3 milhões de blogs por mês, isto é, 100 mil por dia. Contudo, destes 4% são splogs – blogs criados para comunicar na blogosfera mensagens indesejadas na seção de comentários dos blogs ou para gerar tráfego de audiência para si através do plágio de conteúdo alheio. Cerca de 5,8% dos posts (os 1,3 milhões) são gerados por splogs. Ao “roubar” os conteúdos, os splogs atraem para si, através de sistemas como o Google, visitas que deveriam ir para o site original. Ao total o sistema Technorati contabilizou a existência de 57 milhões de blogs em outubro de 2006, cerca de 2% são publicados em língua portuguesa. Desses 57 milhões, somente cerca de 55% destes estão ativos, o que significa que eles estão sendo atualizados ao menos uma vez nos últimos três meses. A estimativa do estudo é de que a blogosfera duplica de tamanho a cada 230 dias.

novos espaços de resistência que se coadunam com um fenômeno maior: o fato de que mídias – com certo poder na formação da opinião pública – passaram a ser construídas pelos próprios usuários conectados em rede – algo que Dan Gilmor sintetizou – um tanto que corporativamente – de jornalismo cidadão (*civic journalism*).

### Eu, o *weblog*: contexto e genealogia (1997-2000)

O acontecimento *blog* é formado por múltiplos acontecimentos que ocorrem a partir de 1997, quando o termo *weblog* é cunhado pelo norte-americano Jorn Barger para se referir ao seu jornal *online* RobotWisdom (<http://www.robotwisdom.com/>). O termo era um acrônimo derivado das palavras *web* e *log* (diário ou bloco de anotações) e expressava um site que hiperligava páginas interessantes encontradas na internet. *Blog* era, na prática, uma coleção de *links* com comentários breves.<sup>16</sup> Barger ficava o dia inteiro garimpando notícias, informações, casos etc, que publicava na forma de comentários breves com disponibilização dos *links* desses dados, sem a existência de mecanismos de conversação com o usuário (particularmente, os comentários). O modelo de *Wisdom* consistia em uma produção que mais atualizava *links* do que criava conteúdos próprios (posts - entradas compostas por textos, fotos, ilustrações, *links*). Não havia até aquela data um sistema de publicação específico para *weblogs*. Para ter um *blog*, o autor precisa de dominar a linguagem HTML.



Interface do primeiro *weblog*, o Robot Wisdom <<http://www.robotwisdom.com/>>, 1997

<sup>16</sup> Cf. Luiz Carlos Machado, *Eu blogo, tu blogas*. Disponível em: <<http://www.sobresites.com/poesia/forum/viewtopic.php=2422&sid=91e9b843d83d3f99e4e6467aa0b0e302>>, acesso em 10/01/2007

No final de 1998, uma lista de 23 diários virtuais é publicada por Cameron Barret, no seu blog Camworld<sup>17</sup>, a partir da compilação de Jessé Garret, editor da Infosift.

*Jesse James Garret, editor do Infosift, começou a compilar uma lista de “outros sites como o dele” na medida em que os encontrava em suas perambulações pela web. Em novembro daquele ano, ele enviou sua lista para Cameron Barrett. Cameron publicou a lista no Camworld, e outras pessoas que mantinham sites similares começaram a lhe enviar suas URLs para que ele as incluísse na lista. Na “página de apenas weblogs” de Jesse estão listados os 23 então conhecidos até o começo de 1999. De repente, surgiu uma comunidade (Blood, online).*

Os blogs surgidos, nesse momento, se caracterizam por sempre conter linguagem hipertextualizada. Entre 97 a 99, o código narrativo predominante nos blogs era uma espécie de dicas sobre o que há de interessante na internet. O *post-link* foi o primeiro gênero narrativo dos *weblogs*, ainda muito associado à cultura hacker (de troca de informação relevante). Os *weblogs* eram uma espécie de filtro. Seu editor preocupava-se em conduzir o usuário sempre a outros sítios de informação, sem o desejo ainda de tornar o veículo em um instrumento formação de opinião. Estamos aqui no momento em que a lei “*blogueiro linka blogueiro*” é inaugurada.

No instante que sucede o esforço de Cameron em reunir *weblogs*, Brigitte Eaton realiza o mesmo trabalho, ao compilar uma lista de *weblogs*, que fica hospedada no Eatonweb Portal, um portal de blogs, divididos por gênero e nacionalidade. O critério para que haja submissão do blog ao portal é único: que fosse um site que disponibilizassem posts já datados (*dated entries*). No começo de 99, para mostrar a popularização dos diários virtuais, Peter Merholz divide o termo *weblog* em *we blog* (nós blogamos), criando ao mesmo tempo a palavra (blog), o verbo (blogar) e o sujeito (blogueiro). O formato mais tradicional se estruturaria agora em conteúdos breves (a arte de produzir posts curtos); atualizado continuamente, uma ou até várias vezes ao dia; apresentado numa ordem cronológica inversa (no topo do site, nota mais recente, com dia, data e hora); e com a presença de muita hipertextualidade.

*Em 1999, os blogs eram distintos tanto em forma como conteúdo das publicações periódicas que os precederam (ezines e journals). Eles eram rudimentares em design e conteúdo, mas aqueles que os produziam achavam que estavam*

<sup>17</sup> A lista está publicada em: <http://www.camworld.com/archives/1997/07/>

*realizando algo interessante e decidiram ir adiante. Os blogueiros referenciavam entradas interessantes em outros blogs, normalmente adicionando suas opiniões. Créditos eram concedidos a um blogueiro individual quando outros reproduziam os links que este havia encontrado. Devido à freqüente interligação entre os blogs existentes na época, os críticos chamaram os blogueiros de incestuosos, que por sua vez sabiam que amplificavam as vozes uns dos outros quando criavam links entre si. E assim a comunidade cresceu. Os blogueiros pioneiros trabalharam para se tornar fontes de links para material de qualidade, aprendendo a escrever concisamente, utilizando os elementos que induziam os leitores a visitar outros sites (Wikipedia, verbete Weblog, online).*

### **O advento dos diários**

Neste mesmo ano, algumas empresas lançavam softwares que tornavam automática e gratuita a publicação de blogs, portanto, sem a necessidade do usuário dominar por completo a linguagem html. O primeiro programa desse tipo foi o Pitas, criado em julho de 1999. “A estrutura técnica era gerenciada pela empresa, que também oferecia a criação de blogs a custo zero, assim como os valores agregados: um item em um blog possui valor de produção irrisório comparado com o de um artigo veiculado na grande mídia” (idem). Um mês depois do Pitas, surgia o Blogger<sup>18</sup>, o mais popular sistema de publicação *online* até hoje. A partir daí os blogs se proliferaram. De uma onda, se transformam em uma explosão, a ponto de seu formato tornar-se cada vez mais múltiplo. Com as interfaces trazidas pelo Blogger a publicação de conteúdos *online* é bastante facilitada. Cabe ao usuário a realização de apenas três atividades: escrever o título, o texto, e depois clicar em “publicar” para imediatamente o conteúdo estar no seu site. Sem contar que o que é publicado fica arquivado, sendo facilmente recuperado a qualquer instante, para que possa ser modificado, ampliado ou mesmo revisado mesmo que tenha já “subido pra rede”.

*O Blogger facilita a escrita de um pensamento ou de uma observação, tanto que muitas pessoas não se sentem inclinadas a criar um link e escrever algo em torno dele. É essa interface livre, combinada com a facilidade absoluta de uso que tem, em minha opinião, feito mais do que impelir a mudança de um weblog do tipo filtro para um blog diário, mais do que qualquer outro fator (Blood, 2002).*

<sup>18</sup> No mês de julho daquele ano, a empresa Pitas [ <http://www.pitas.com> ] criou o primeiro software grátis e em agosto o americano Evan Williams, da empresa Pyra Labs, criou ferramenta semelhante, o Blogger, que se transformaria no ícone de um conceito que revolucionaria a criação e postagem de páginas pessoais na Internet (Oliveira, *online*).

A interface do Blogger acabou por dar vazão a emergência de uma nova linguagem blogueira: o diário *online* (Schittine, 2004). As facilidades de publicação conjugadas ao fato de o Blogger não conter nenhum dispositivo de censura do que está sendo escrito; e a um aumento da estada do usuário (principalmente os mais jovens) na Internet possibilitou que os blogs começassem a se caracterizar por comentários sobre os mais variados temas da vida pessoal — uma resenha de um filme, uma catarse, um poema, uma fofoca, um pensamento, uma recordação da infância, uma piada, uma informação sobre o cotidiano, um delírio, a visão sobre as aulas da faculdade, sobre os namoros, sobre estar doente, enfim, tudo aquilo que pertencia a dimensão singular é tornada pública.

*Estes blogs, geralmente atualizados diversas vezes por dia, eram um registro dos pensamentos do blogueiro: algo que foi visto no caminho para o trabalho, observações sobre o fim-de-semana, uma reflexão sobre um ou outro assunto. Links levavam o leitor do site para outro blog com quem o primeiro estava tendo algum tipo de conversa ou com quem ele tivesse se encontrado na noite anterior; ou para o site de uma banda cujo show ele tivesse assistido. Diálogos inteiros eram travados entre três ou cinco blogs, cada um fazendo referência ao outro em seus pontos de vista ou posições pessoais (idem).*

O diário íntimo inaugura uma fase em que blog passa a ser associado à cultura do diário pessoal. “O influxo de blogs mudou a definição de *weblogs*, de ‘uma lista de *links* com comentários pessoais’ para um site atualizado periodicamente, com o novo material sendo postado no topo da página” (idem). A importância desses diários, no terreno da linguagem blogueira, é que vai nela instituir dois componentes – ambos consequentes um do outro: a escrita informal e a conversação.

A “escrita leve” ocorre porque o editor discorre sobre os seus afetos e suas afecções. Não é uma escrita que se pauta por uma lógica interpretante. Não é um *thèoros*. Mas é uma lógica sensorial, em que o constante contato com o outro (o amigo usuário), faz com que a escrita seja uma resposta a um comentário ou a uma experiência cotidiana, de forma que a escrita do diário está entre um balanço de contas, uma volta ao passado e um pensamento impulsivo confessional. O diário só tem sentido então se a ação existe, se houver história. A linguagem que instrumenta o diário precisa sentir a história (pessoal e social) que se passa. Não é à toa que acaba sendo mais uma descrição pessoal do dia do que uma análise da história social.

Agora essa apreensão sensorial da história é sentida porque é obtida por meio da conversação. A linguagem do diário não é um ato individual, pois que, no plano da internet, onde tudo exibido por uma audiência global, o blog-diário fica defronte a uma comunidade que gira em torno dela. O sistema de comentários inaugurado pelos sistemas automáticos de publicação fez nascer comunidades de leitores girando em torno dos blogs. Com frequência, a audiência de um blog é formada por um pequeno número de usuários que é vinculado ao editor. Trata-se de um público que “bisbilhota” para compreender que a memória do outro também está composto na sua. O inverso também é verdadeiro: ao ser atizado pelos comentários críticos ou elogiosos da audiência, o blogueiro ressignifica a própria vida. É muito comum, entre os jovens blogueiros, que um post seja apenas o instrumento do começo de uma conversação. Comentar é um ato de dádiva: “se você comenta no meu blog, eu comento no seu” – a lógica do reconhecimento da vinculação é que funda o sentido do comentário nos blogs-diários. Muitas vezes, um post é só um pretexto para iniciar uma conversação, a ponto de o comentário dos usuários acabar virando o conteúdo principal. Portanto, muitas vezes a conversação é usada para que o usuário firme, revele ou altere pontos de vista já enraizados sobre determinados assuntos que estão na ordem do dia. A produção lingüística dos blogs-diários revela-se ao mesmo tempo como auto-reflexão e uma reflexão coletiva.

*Uma comunidade de 100, 20 ou 3 pessoas pode surgir em torno de seus registros pessoais diários. Ao se deparar com vozes amigas, ele [o blogueiro] pode ganhar mais confiança de sua visão do mundo. Ele pode começar a experimentar formas mais complexas de escrita [...]. Ao enunciar suas opiniões diariamente, esta nova consciência de sua vida interior pode se tornar uma crença em sua própria perspectiva. Suas próprias reações – a um poema, a outras pessoas, e sim, à mídia – terá mais peso sobre ele (Schittine, online).*

### **11 de setembro de 2001: blogs furam os portais da internet**

A partir de 1999, com a profusão dos diários, a partir do uso popularizado dos sistemas de publicação (Blogger, Movable Type, Wordpress e outros disponibilizados por portais de informação), os blogs formam um todo heterogêneo e um agregado múltiplo de experiências criativas que se expressam como um complexo “caleidoscópio sem lógica”. Deles, há de toda espécie: blogs sobre política, religião, viagens, economia, vida pessoal, arte, assuntos profissionais, tecnologia,

ciência etc. Em comum a interconexão por meio de post interligados, do *blogroll*<sup>19</sup> e dos comentários postados – interconexão que acaba produzindo um espírito comunal entre os blogs. Por conta disso, esse “todo heterogêneo” – com suas interações sociais e hiperligações – foi batizado, por Willian Quick (<http://www.dailypundit.com/>) em 2001, como blogosfera. “Enquanto os blogs isoladamente são somente um formato na web, a interconexão entre eles [a blogosfera] é um fenômeno social: ao vê-los como um todo pode-se determinar claramente tendências, gostos, popularidade de sites, objetos, produtos, música, filmes, livros, como se fosse um ente coletivo” (Fonte: Wikipédia, <http://es.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>, página acessada em 07/01/2007).

A classificação tipológica dos blogs é uma operação sempre incompleta, dado as narrativas, as interfaces e as interações se manifestarem sempre como híbridas. A narrativa é sempre um misto do pessoal com o político, da crença com a interpretação, da objetividade com a subjetividade, da informação com o testemunho, da ficção com a realidade, do original com a cópia, da singularidade com a coletividade. No final das contas, a blogosfera destoa da comunicação de massa exatamente porque se constrói a partir de discursos que estão colados à maneira de expressar de cada singularidade. É uma esfera absolutamente material (porque é *in process*), já que as “fórmulas prontas para uso”, aprendidas como uso correto da gramática, dos códigos de conduta, dos códigos jornalísticos etc, convivem e são descartadas pelas maneiras de dizer, de escrever, de criar, de estabelecer relações e vínculos, desenvolvidas por cada uma das pessoas ou de coletivos que produzem e se reproduzem na blogosfera, a ponto de compor – junto com as listas de discussão, os fóruns, os wikis, as redes p2p etc - um campo de energia cuja força se concentra em produzir curto-circuito no monopólio que a imprensa tem da opinião pública. Até o comportamento menos ativo, atribuído a multidão de blogueiros que somente reproduz o sentido das informações circulados pela imprensa, acaba por filtrar e selecionar aquilo que mais lhe interessa, resultando numa agenda que reconfigura a agenda midiática.

<sup>19</sup> Segundo a Wikipedia (<http://es.wikipedia.org/wiki/Blogroll>), um *blogroll* é uma coleção de *links* de blogs que normalmente aparece na parte lateral da página. Blogueiros podem definir diferentes critérios para incluir outros blogs em seu *blogroll*. Normalmente, a lista é composta de blogs que os próprios autores visitam com assiduidade ou às vezes simplesmente de blogs de amigos, parentes ou vizinhos. Quanto à procedência da palavra, existem duas possíveis derivações. Os blogger dos EUA sustentam que o termo provém de *logroll*, que está relacionado com o intercâmbio de informação entre diferentes pessoas para obter um objetivo comum. Os blogueiros do Reino Unido relacionam a palavra com *bog roll* (papel higiênico), com base em seu extenso tamanho e na duvidosa qualidade da lista de muitos *blogroll*.

Do ponto de vista histórico, essa potência da blogosfera é realizada, de forma intensa, pela primeira vez com a ocorrência dos ataques terroristas em 11 de setembro de 2001.<sup>20</sup> O primeiro acontecimento que mostrou inicialmente o poder da internet como fonte de informação. No dia do atentado, os portais de informação das agências de notícias internacionais não conseguiram ficar estáveis por conta do excesso de tráfego nos seus servidores. Na época, a audiência do MSNBC multiplicou por 10. A da Fox News, idem. Os usuários que ficavam nesses sites em torno de três segundos, ficaram no dia, entre 20 e 40 segundos. Não adiantou muita coisa usar o celular, as redes de telefonia também seguiram a mesma tendência: congestionamento.<sup>21</sup> O site da CNN teve que se transformar em um site light, reduzido a uma foto e a poucos *links* para tentar ficar no ar. O site mais acessado do mundo, o Google, alertava o usuário que não adiantava procurar notícias frescas sobre o assunto: “se você procura por notícias, você encontrará notícias mais atuais na Tv e na rádio. Muitos serviços de notícias *online* não estão disponíveis, por causa da extremamente alta demanda”.



Figura 2 - Por causa de congestionamento, site da CNN vira site light em 11/09  
 Fonte: Digital Collection (<http://www.interactivepublishing.net/september/browse.php?time=2001-09-11-11>)

No outro lado do atlântico, no Reino Unido, o fato se repetia. “A BBC britânica [...] viu as consultas a seu site aumentarem 47% e The Guardian [...] viu as suas aumentarem em 83%” (Pisani, 2003). O resultado foi um colapso dos

<sup>20</sup> Essa tese é bem-defendida pelo bogueiro e jornalista Juan Cervera em *Una teoria general del blog*. In: *La blogosfera hispana*, pp 10-19.

<sup>21</sup> Observatório da Imprensa. Websites sobrecarregados. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920019993.htm> Página acessada em 20/07/2005.



grandes portais, o que empurrou os usuários para dois lugares: a TV e os blogs. Só que a TV cumpria um papel de produzir a leitura da imagens ao vivo, enquanto milhares de pessoas procuravam informações sobre familiares e amigos que estavam nos arredores dos atentados.<sup>22</sup>

*Sites pequenos e ágeis mantidos por gente comum que se contenta em descrever diariamente suas existências comuns entraram em ação numa verdadeira corrente de informações e, principalmente, numa corrente de solidariedade. Assim como os pequenos cinegrafistas amadores buscavam a força das grandes imagens numa tentativa de explicar o inexplicável com palavras, eram as mensagens dos bloggers que procuravam solucionar problemas práticos e objetivos de quem precisava entender que tudo aquilo não era, pelo menos ainda, necessariamente o começo do terceira guerra mundial ou o começo do fim do mundo 21.*<sup>23</sup>

Era uma pluralidade polissêmica – contidas em textos, imagens, áudio e vídeo. Além das tradicionais opiniões e testemunhos contidos nos diários, os blogs disponibilizam narrativas testemunhais numa edição em estado bruto. A blogosfera entrava na sua fase informativa. Um blog, em especial, se destacou pelo serviço de informação pública que prestou: o Slashdot.<sup>24</sup> Ele se transformou

<sup>22</sup> No Brasil, o caos nos portais também foi instaurado. Os portais Globo Online, CNN, Terra e IG demonstraram o baixo investimento para suportar o tráfego e a ansiedade por informação dos leitores. Como bem identificou Raphael Leal, “o iG pagou um mico histórico: decidiu que o dia 11 seria dia das boas notícias, e tiraria da primeira página qualquer menção a más novidades. Teve que abrir mão rapidinho da idéia”. (in Observatório da Imprensa. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter1909200198.htm> Página acessada em 04/04/2006.

<sup>23</sup> Cf. Antonio Brasil, Boa e velha TV supera a Internet. Observatório da Imprensa. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920018.htm> Página acessada em 20/07/2005.

<sup>24</sup> Trata-se de um blog coletivo, produzido de forma colaborativo. “O princípio-base do Slashdot, por exemplo, é ‘nada de censura’. Todos podem comentar qualquer artigo do modo que quiserem. A Constituição do Slashdot utiliza apenas três mecanismos para gerir a tensão entre liberdade individual de fazer posts de material ofensivo ou irrelevante e o desejo coletivo de poder encontrar os comentários interessantes. O primeiro é a moderação, cuja função é estabelecer um *rank* de qualidade para os *posts*. O segundo é uma forma de metamoderação, que controla o trabalho dos moderadores impondo escolhas objetivas. O terceiro, por fim, é o *karma*, ou seja, a reputação dos comentadores. Estes três conceitos políticos, embora, simples, permitem ao Slashdot continuar a prestar um serviço útil” (Granieri, 2006, p.49). A quem interessa, há disponível até hoje o post que desencadeou a solidariedade em tempo real no 11 de setembro: <http://www.interactivepublishing.net/september/detail.php?id=252&singlecall=1>.

no espaço onde diferentes usuários postavam informações que aumentavam o nível de esclarecimento sobre o atentado. Tornou-se uma rede social em tempo real, onde se podia encontrar o telefone para atendimento da família das vítimas, transcrever as últimas notícias, debater as razões do atentado, mostrar a lista de quem estava nas aeronaves e as transcrições de organizações árabes contra o atentado e contra o linchamento midiático contra a sua cultura etc. Foram mais de 50 mil intervenções escritas na forma de fórum de discussão. Foi um verdadeiro espaço público que se constitui sem que todos estivessem presentes simultaneamente.



Figura 3 - Com os portais congestionados, página do blog filtro Slashdot vira abrigo de informações e debates sobre o atentado de 11/09. Fonte: Digital Collection

Num texto memorável, Jon Katz (2005), do Slashdot, um mês após a tragédia contra as torres gêmeas, anunciava que o 11 de setembro marcava uma nova era da informação em que a internet ocuparia cada vez mais o centro por onde se produzia as principais informações sobre grandes acontecimentos. Os testemunhos *online* de sobreviventes e de testemunhas oculares se transformaram em excepcionais arquivos da tragédia global que, em dado momento, destoava das explicações consensuais da grande mídia (como o que denunciou um blogueiro, quando mostrou a farsa das imagens montada pela CNN mostrando os palestinos comemorando o “sucesso do atentado”, quando estavam a festejar outro acontecimento). Para Katz, o 11 de setembro foi o mesmo que a II Guerra Mundial e o Assassinato de Kennedy tornou, respectivamente, para o rádio e para a televisão: um evento que fundava a hegemonia de um veículo (no caso a internet) sobre os outros.

*Mas para além de todas as fobias que o mainstream da mídia possui sobre a perigosa e irresponsável internet, a cada semana que passa depois do ataque a*

*internet se transforma em um veículo mais sério, o único que oferece aos consumidores da informação notícias atualizadas e discussões e pontos de vista alternativos. A internet é um meio da expressão pessoal – pessoas enviam email para amigos e parentes para dizer-lhes que estava tudo, para dotá-los de informações relevantes, para doar tempo e dinheiro. E, naturalmente, ao contrário dos meios convencionais, que dão ainda aos cidadãos ordinários quase nenhuma oportunidade de participar, a rede é arquitetonicamente e visceralmente interativa. O feedback e a opinião individual não são [...] um punhado de [...] “nós-queremos-ouvir-de-você” por telefone, mas são uma parte integrante da dispersa informação da internet. São o seu núcleo (core).[...] Os ataques ao WTC remetem-nos a uma extraordinária abertura, a uma distribuição aberta da informação e a um sendo de construção de comunidade que estão no coração da promessa do mundo wired (Katz, op. cit., online).*

O 11 de setembro provocou que, na Internet, começasse assim um movimento<sup>25</sup> que, mais à frente, é apontado como evento fundador da recessão da mídia<sup>26</sup> e da crise do jornalismo, já que a atenção do usuário – leitor, telespectador ou ouvinte – esteve em boa parte, durante o atentado, fragmentada em veículos que não os somente da corporações midiáticas.<sup>27</sup>

*Além dos noticiários produzidos sobre a “tragédia de 11 de setembro”, aqueles de nós ligados à internet viram também uma produção muito diferente. A rede estava lotada de relatos desses mesmos eventos. No entanto, os relatos tinham um sabor muito diferente. Algumas pessoas construíram páginas que agregavam fotos tiradas ao redor do mundo e as apresentavam como slides com texto. Alguns escreveram cartas abertas. Havia gravações. Havia raiva e frustração. Havia tentativa de contextualizar os fatos. Houve, em suma, uma extraordinária*

<sup>25</sup> A biblioteca do Congresso americano e os acadêmicos do *Archive Online* construíram um inventário dos sites e blogs na internet que narraram o 11 de setembro para disponibilizar um suntuoso arquivo *online* sobre o atentado. O arquivo contém, além de cerca de 10 mil blogs, o material audiovisual, textual e fotográfico obtidos com os meios de comunicação de massa que narraram os acontecimentos de setembro de 2001. Ver: <http://lcweb2.loc.gov/cocoon/minerva/html/sept11/sept11-about.html>

<sup>26</sup> Como as redes de TV e rádio ficaram horas sem parar no ar e a imprensa destinou quase toda a edição ao evento, estima-se que só no dia do atentado as corporações midiática perderam cerca de 40 milhões de dólares. Anunciantes também deixaram de lançar novos produtos após o atentado, retomando a publicidade meses depois, quando a memória do atentado foi se diluindo.

<sup>27</sup> CF. Jane Weaver, *A media recession like few other*. Reportagem publicada no site MSNBC. Disponível na internet: <http://www.msnbc.msn.com/id/3073246/> Página acessada em 20/07/2005

*onda mundial de mutirões [...] em torno de uma notícia que capturou a atenção do mundo* (Lessig, 2005).

### **A guerra agenda a blogosfera**

O rescaldo do 11 de setembro, lembra Blood, foi a demonstração do poder do relato de histórias não mediadas que os sobreviventes partilhavam com as audiências nos seus blogs. “O 11 de setembro também desencadeou uma geração de ‘blogs de guerra’ (*warblogs*), sites de estilo agressivo, principalmente centrados na resposta dos EUA a estes ataques terroristas. Os ‘blogs de guerra’ também trouxeram um contingente de vozes conservadoras e libertárias para o meio de uma comunidade tendencialmente de esquerda” (Blood, 2004).

Logo após os atentados de 11 de setembro de 2001, o governo norte-americano – com apoio de forças econômicas e políticas supranacionais – declara guerra “a um homem” (Bin Laden). Começava ali uma ofensiva de “luta contra o terrorismo”. É então nesse contexto que a blogosfera se torna pouco a pouco um espaço dos diários das guerras do Afeganistão (2001) e do Iraque (2003). Os *warblogs*<sup>28</sup> formam um movimento que fratura a “construção da narrativa única” de corporações globais de mídia, como a CNN, famosa pelas manipulações nas imagens da cobertura da Guerra do Golfo. Os *warblogs* se tornam uma das mais populares fonte de informações na internet, principalmente por causa das opini-

<sup>28</sup> Em seu ótimo artigo “*War blogs: os blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online*”, Raquel Recuero descreve, detalhadamente, experiências de *warblogs*, a saber:

*“Um dos mais famosos warblogs ‘não-oficiais’ é o de um suposto iraquiano residente em Bagdá, que escreve através de um pseudônimo ‘Salam Pax’, chamado ‘Where is Raed?’ 3. O weblog, um ‘diário’, iniciado dezembro de 2002, com o objetivo de mostrar o dia-a-dia do autor em Bagdá, tornou-se um fenômeno após a explosão da guerra. O weblog é constituído de um relato do cotidiano, com passagens como a que se segue: ‘Hoje, no terceiro dia da guerra, nós tivemos um grande número de ataques durante o dia. Alguns sem as sirenes de aviso [de perigo de bombardeio]. Eles provavelmente desistiram de conseguir soar as sirenes a tempo. Na noite passada, depois de ondas atrás de ondas de ataques, eles soavam a sirene de ‘tudo ok’ [sirene que avisa que é possível sair de casa, o bombardeio já passou] apenas para começar outra [de perigo] 30 minutos depois.’ 4. Outro weblog que também procura relatar a vida no front é o do jornalista Christopher Albritton, do ‘Back to Iraq 2.0’ 5. O jornalista lançou o blog com o objetivo de recolher contribuições para conseguir ir para o front e relatar a guerra de um ponto de vista ‘independente’, uma vez que está indo sem o apoio de nenhum jornal. Do dia 27 de março até 22 de abril, Christopher escreveu um diário de viagem, sobre a sua estadia e as visões que teve do Iraque e dos países vizinhos.” (Disponível na internet: <<http://bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf>> acesso em 01/09/2006)*

ões sobre o assunto, pelos registros vivos de blogueiros-moradores, de jornalistas (alguns pagos pelos internautas), e de soldados americanos<sup>29</sup>, que direto do front, narram as vicissitudes da guerra. Somado a eles, centenas de blogueiros repercutiam o noticiário, elaborando análises favoráveis (pró-Bush) ou contra (anti-Bush) a guerra, por meio de seus próprios diários ou através de blogs filtros.<sup>30</sup>

O crescimento<sup>31</sup> dos *warblogs* forçou o Departamento de Defesa dos EUA a monitorar as atividades desses diários, como o “Bagdá em Chamas” (<http://riverbendblog.blogspot.com/>), blog assinado por Riverbend, a Girl from Iraq, que é, até hoje, uma das fontes de maior credibilidade sobre a ocupação imperial do Iraque. Nele a blogueira impõe uma narrativa, em forma de crônica, sobre a vida social e política de Bagdá, mesclando assuntos quaisquer da sua vida pessoal. O blog acabou virando livro, classificado como livro de memórias, e concorreu ao prêmio de melhor livro do ano de 2006 na Inglaterra, além de ter virado peça em 2006.<sup>32</sup> Todavia, com exceção dos blogs dos civis iraquianos que escrevem “direto de Bagdá”, os demais *warblogs* acabaram evoluindo para diários com opiniões e informações políticas. A popularidade dos *warblogs* cai à medida que o processo de ocupação do Iraque já deixa de ser assunto de “guerra”, para se tornar um caso de gestão policial no território. Isso provoca uma metamorfose no estilo dessas publicações *online*, que viram blogs políticos. Alguns deles ousam, como o “Back to Irak 2.0” (<http://www.back-to-iraq.com/>), em que o seu blogueiro, o correspondente internacional Christopher Allbritto, financiado por doações *online* de seus leitores, finca moradia no Oriente Médio para relatar informações para seus leitores.

<sup>29</sup> Os blogs de soldados (milblogs) são relatos pessoais dos militares que lutam nas guerras. São também veículos que blogueiro conta para manter a família e os amigos informados sobre sua vida nas zonas de guerra. Tornaram-se também manifestações contrárias àquelas anti-guerra e anti-Bush. E por isso são blogs bastante financiados e estimulados pelos republicanos. Até o final de 2006, eles eram 40 mil na rede.

<sup>30</sup> Meta-warblog coletivo de defesa do militarismo, há o Miliblogging (<http://milblogging.com/>) e o meta-warblog coletivo anti-guerra, o The Colletive Lounge (<http://thecollectivelounge.blogspot.com/>).

<sup>31</sup> Folha Online. *Internautas usam blogs para relatar guerra do Iraque*. Disponível na internet: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u30079.shtml>> acesso em 16/05/2005.

<sup>32</sup> Observatório da Imprensa. *Blog de iraquiana disputa prêmio literário*. Disponível na internet: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=374AZL008>>. Acesso em 10/01/2007.

### Considerações Finais

As dimensões históricas da blogosfera entre os anos de 1997 e 2001 foram marcadas pelo deslocamento da identidade dos blogs, que passaram de veículos de filtragem de informações da web para uma pluralidade de vozes e linguagens, criadores de regimes de conversação social, em que a opinião e as idéias circulariam de uma forma muito mais difusas do que os velhos mecanismos irradiadores das mídias de massa. Este passa a ser o principal deslocamento no sentido histórico desses veículos: de mídias de especialistas para mídias das massas.

Além disso, é aberto debate sobre a relação entre blogs, jornalismo e produção de opinião. A comunicação colaborativa dos internautas institui uma realidade nova no âmbito da produção da opinião pública, pois que a opinião se manifesta através de uma rede distribuída de comunicação, sem a presença de qualquer intermediação. Os veículos da imprensa viram-se, a partir do 11 de setembro, então imersos num plano em que o receptor penetrava no interior do *newsmaking*. Queria fazer parte do núcleo do poder midiático. Uma verdadeira transformação pós-moderna, cuja principal consequência é a transformação das leis que regem o jornalismo contemporâneo, bem como na denúncia da “homogeneização da opinião, da redução do contraditório, da diminuição do espaço crítico” (Nassif, *online*) levado a cabo por alguns setores da imprensa.

### Referências

- BAUWENS, Michel. A economia política da produção entre pares. Disponível na internet: <[http:// www.p2pfoundation.net/A\\_Economia\\_Pol%C3%ADtica\\_da\\_Produ%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_Pares](http://www.p2pfoundation.net/A_Economia_Pol%C3%ADtica_da_Produ%C3%A7%C3%A3o_entre_Pares)> acesso em 10/01/2007
- BLOOD, Rebecca. (2002). *Weblogs: história e perspectiva*. Disponível na internet: <[http://www.terreiro.net/artigos/weblogs\\_history/](http://www.terreiro.net/artigos/weblogs_history/)> acesso em 10/01/2007
- BLOOD, Rebecca. *O Livro de Bolso do Weblog*. Campo das Letras, 2004.
- BRASIL, Antonio. *Boa e velha TV supera a Internet*. Observatório da Imprensa. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920018.htm> Página acessada em 20/07/2005.
- GILMOR, Dan. *Nós, os media*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.
- KATZ, Jon. Net: Now Our Most Serious News Medium? Disponível na internet em: <<http://slashdot.org/features/01/10/05/1643224.shtml>> acesso em 05/01/06.
- KERCKHOVE, Derrick De. Prefácio ao livro *Geração Blogue*, de Giuseppe Granieri (2006).

LESSIG, Lawrence. *Cultura Livre – como a grande mídia usa a tecnologia e a lei para bloquear a cultura e controlar a criatividade*. São Paulo: Editora Francis, 2005.

Juan Cervera em *Una teoria general del blog*. In: *La blogosfera hispana*, pp 10-19.

NASSIF, Luis. *O fim do oligopólio da opinião*. Blog do Nassif. Disponível na internet: <http://luisnassif.blog.ig.com.br/>

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível na internet: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter1909200198.htm>> Página acessada em 04/04/2006.

\_\_\_\_\_. *Websites sobrecarregados*. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920019993.htm> Página acessada em 20/07/2005.

O'REILLY, Tim. *Qué es web 2.0?* Disponível na internet: <<http://sociedaddelainformacion.telefonica.es/jsp/articulos/detalle.jsp?elem=2146>> acesso em 10/01/2007.

PISANI, Francis. *A nova onda dos blogs*. *Le Monde Diplomatique*. Disponível na internet: <<http://diplo.uol.com.br/2003-08,a720>> Página acessada em 20/07/2005.

RECUERO, Raquel. *War blogs: os blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online*”. Disponível na internet: <<http://bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf>> acesso em 01/09/2006.

ROSNAY, Jöel de. *La révolte du pronétariat*. Paris: Fayard, 2006.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

RHEINGHOLD, Howard. *La comunidad Virtual – una sociedad sin fronteras*. Barcelona: Gedisa Editorial. 1996.

\_\_\_\_\_. *Multitudes inteligentes*. Barcelona: Gedisa editorial, 2004.

■.....Fábio Malini é doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Professor no Departamento de Comunicação Social da UFES, Coordenador do Laboratório de Estudos sobre Informação, Redes e Cibercultura (LABIC), na UFES. E-mail: [fabiomalini@gmail.com](mailto:fabiomalini@gmail.com).